

A LITERATURA DE TEREZA ALBUES: PÓS-MODERNIDADE E IDENTIDADE

Katia Aparecida Pimentel (UNEMAT)¹
Programa de Pós-graduação em Estudos Literários

Lucimaira da Silva Ferreira (UNEMAT)²
Programa de Pós-graduação em Estudos Literários

RESUMO

A presente proposta tem como *corpus* para as análises as narrativas de quatro contos pertencentes à coletânea *Buquê de Línguas* (2008): “Buquê de Línguas”, “Três Instantâneos na Cidade Maravilhosa”, “O Enigma de Violeta H.” e “Cena em Sustenido” da escritora mato-grossense Tereza Albues. A partir das narrativas selecionadas, será abordado os contextos e aspectos recorrentes que apontam uma escrita nos moldes da anunciada pós-modernidade, especialmente na construção da figura feminina. Respalgadas nos estudos sobre a pós-modernidade e seus desdobramentos investigaremos as diferentes manifestações que revelam o movimento da representação feminina presente nos textos e que vão evidenciar as marcas de uma escrita esteticamente construída com personagem e narrador que se entrelaçam e percorrem as trilhas dos avanços tecnológicos e do ser humano. Os contos em cena retratam o avanço da globalização, o qual permite essa aproximação do sujeito com diferentes valores culturais através dos meios de comunicação ou pelos avanços dos meios de transporte. São nesses contextos que verificaremos o constante deslocamento das personagens nos espaços físicos e psicológicos que sinalizam para a velocidade em que os cenários se alteram e a emergência da vida acontecer. Além dos espaços e comportamentos das personagens nas narrativas, será evidenciado a escrita inovadora, com técnica e estilo, de Tereza Albues. Esse conjunto de elementos fornece a base para a investigação da identidade do sujeito construída na pós-modernidade, aqui em destaque, na figura feminina. O levantamento teórico procura esclarecer a existência de características que revelam o fenômeno contemporâneo pós-modernidade que se significa em espaços, elementos, comportamentos, detalhes, pelo deslocamento das personagens femininas nas narrativas escolhidas. Dentre as referências utilizadas para embasar esta discussão, destacam-se as contribuições de Eagleton (1998); Hutcheon (1991); Fernandes (2019) que tratam dos eventos da pós-modernidade; Hall (2011), Woodward (2012) e Silva (2000) abordam a questão da identidade do sujeito pós-moderno; Abdala Junior (2002) que explica a questão das fronteiras culturais e seus desdobramentos. O estudo objetiva contribuir para os estudos de crítica feminina e, ao mesmo tempo, para a literatura produzida em Mato Grosso.

Palavras-chave: Literatura de autoria feminina; Tereza Albues; Contos; Pós-modernidade; Identidade.

¹ Mestra em Letras pelo Programa de Pós-graduação da Universidade do Estado de Mato Grosso. Doutoranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação da Universidade do Estado de Mato Grosso. Orientadora: Dra. Elizabeth Batista (UNEMAT).

² Mestranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação da Universidade do Estado de Mato Grosso. Orientadora: Dra. Elizabeth Batista (UNEMAT).

INTRODUÇÃO

“Escritora em tom maior, romancista, contista, jornalista, produtora cultural, *expert* em comunicação”, assim é descrita Tereza Albues no *Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras* pela pesquisadora Nelly Novaes Coelho (2002, p. 614). Albues nasceu em Várzea Grande (MT), em 1936 e em 1980 mudou-se para os Estados Unidos e lá viveu até seus últimos dias terrenos, quando faleceu em 2005.

Após mudar-se para Nova York, em 1983, foi que Albues iniciou sua carreira como romancista com a obra *Pedra Canga*, publicada no Rio de Janeiro pela Philobiblion, em 1987. Em 1990 a autora publicou o seu segundo romance, *Chapada da palma roxa*. Em 1993 foi a vez de *A travessia dos sempre vivos* e, em 1995, *O berro do cordeiro em Nova York*. Todas essas obras foram lançadas nas Bienais Internacionais do Livro, no Rio de Janeiro, com a presença da autora. Seu último romance foi *A dança do jaguar* (2000), publicado na França e lançado no Salão do Livro em Paris. Em 1999 Albues concluiu a coletânea de contos *Buquê de Línguas*, publicada em 2008. O conto que dá título à obra é o mesmo que deu à autora a menção honrosa no concurso de contos Guimarães Rosa, promovido pela Rádio France Internacional, em Paris.

Buquê de Línguas (2008) é composto por quatorze contos e para este estudo foram selecionados três deles: “Buquê de Línguas”, “Três Instantâneos na Cidade Maravilhosa”, e “Cena em Sustenido”. As narrativas selecionadas retratam o avanço da globalização, o qual permite essa aproximação do sujeito com diferentes valores culturais através dos meios de comunicação ou pelos avanços dos meios de transporte. A escrita inovadora com estilo e técnica de Tereza Albues revela espaços de interação, deslocamentos, ações, comportamentos e contextos que evidenciam as marcas do fenômeno da pós-modernidade que, conseqüentemente, remete as questões que envolvem a identidade e seus desdobramentos no sujeito.

OS CENÁRIOS DA PÓS-MODERNIDADE

Estabelecer um consenso único sobre o conceito de pós-modernismo é impossível, uma vez que há uma certa dificuldade, pois, as suas manifestações são recentes e estão acontecendo na atualidade, além de revelar uma variada profusão de formas e conteúdo. As discussões sobre o pós-modernismo são bastante incitadoras porque constituem-se de inúmeras linhas teóricas que até mesmo divergem entre si. Cabe-nos mostrar que há uma diferenciação pertinente aos termos pós-modernidade, pós-modernismo e pós-moderno, uma vez que esses fundamentos são importantes para a nossa pesquisa. Para tanto, recorreremos aos conceitos estabelecidos por Terry Eagleton (1998, p. 07, grifos do autor):

A palavra **pós-modernismo** refere-se em geral a uma forma de cultura contemporânea, enquanto o termo **pós-modernidade** alude a um período histórico específico. Pós-modernidade é uma linha de pensamento que questiona as noções clássicas de verdade, razão identidade e objetividade, a ideia de progresso ou emancipação universal, os sistemas únicos, as grandes narrativas ou os fundamentos definitivos de explicação. [...] Pós-modernismo é um estilo de cultura que reflete um pouco essa mudança memorável, por meio de uma arte superficial, descentrada, infundada, auto-reflexiva, divertida, caudatária, eclética e pluralista, que obscurece as fronteiras entre a cultura elitista e a cultura popular, bem como entre a arte e a experiência cotidiana.

Podemos, assim, verificar que pós-modernismo está relacionado às diversas manifestações da cultura como arte, literatura, pintura, movimentos populares etc., enquanto a pós-modernidade

engloba as reflexões em relação ao modo de pensar e viver. O termo pós-moderno abarca o pós-modernismo e a pós-modernidade.

Com a intenção de compreender quando teve início o pós-modernismo, utilizaremos a explicação de Perry Anderson em seu livro *As origens da pós-modernidade* (1999, p. 03 e 04):

[...] a ideia de um **pós-modernismo** surgiu pela primeira vez no mundo interno hispânico na década de 1930, uma geração antes do seu aparecimento na Inglaterra ou nos Estados Unidos. Federico de Onís, um amigo de Unamuno e Ortega, foi quem lançou o termo **pós-modernismo**. Ele utilizou-o para descrever um refluxo conservador dentro do próprio modernismo: aquele que procurava refúgio de seu formidável desafio lírico num perfeccionismo mudo de detalhe e humor irônico, cuja característica mais original era a nova autêntica expressão concedida às mulheres (grifos do autor).

Por meio desse trecho, evidencia-se o começo de movimentos que surgem de dentro do próprio modernismo para expressar, de forma irônica, um novo aspecto diferente e único que fazia menção ao aparecimento das manifestações das mulheres. Ainda em relação à época do pós-modernismo, o crítico Fredric Jameson (2000, p. 27) esclarece com mais detalhes os propósitos do movimento:

Cabe-me agora dizer uma palavra sobre o uso adequado desse conceito: ele não é apenas mais um termo para descrever um estilo específico. É, também, pelo menos tal como o emprego, um conceito periodizante, cuja função é correlacionar a emergência de novos aspectos formais da cultura com a emergência de um novo tipo de vida social e com uma nova ordem econômica – aquilo que muitas vezes se chama eufemisticamente, de modernização, sociedade pós-industrial ou de consumo, sociedade da mídia ou dos espetáculos, ou capitalismo multinacional.

Desta forma, podemos perceber que o pós-modernismo revela suas características de acordo com os fatos, o consumismo, as expressões e movimentos sociais da atualidade. Existe uma explosão de consumo levando as pessoas a “devorarem” produtos por impulso. Vivemos em uma sociedade em que somos monitorados e controlados por câmeras que estão em todos os lugares dando-nos a sensação de segurança, mas, ao mesmo tempo, de vigilância. Tem-se a noção de estar no controle por dominarmos a tecnologia, todavia, junto com ela, vem a sensação de estarmos sendo controlados também. É um conflito intenso.

Assim como essas manifestações acontecem na vida dos indivíduos, de forma geral acabam refletindo nas expressões artísticas: aparecem novas formas de linguagem, novas técnicas narrativas que rompem com o que era tradicional; existe uma mistura de vozes, de personagens, de acontecimentos, quebram-se a linearidade e a previsibilidade; as narrativas não são mais cronológicas, e muito menos lineares, e existem várias lacunas às quais o leitor deve-se debruçar para compreender. A pesquisadora Giséle Manganelli Fernandes (2019, p. 297) esclarece esse tipo de escrita pós-moderna:

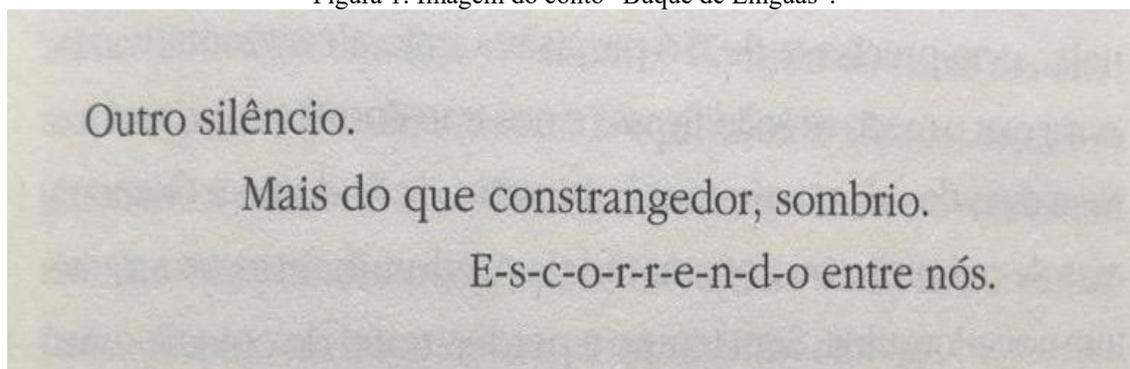
A temática diversificada de pontos que são tratados por escritores considerados pós-modernos inclui: conspiração, tecnologia, poder da mídia, poder da imagem, televisão, cultura popular, multiculturalismo, retorno crítico à História, consumismo, sociedade de vigilância, tragédia nuclear, poder do capital, terrorismo, paranoia, religião, morte. A intertextualidade é uma característica essencial do Pós-Modernismo, pois textos já produzidos surgem em outros textos, mas em um novo contexto.

As manifestações artísticas refletem este momento tão diversificado pelo qual a sociedade passa, o anunciado pós-moderno. Diante das inúmeras possibilidades de escolhas estéticas em relação à linguagem como letras maiúsculas, itálico, trechos que surgem tirados de telegramas, frases curtas, espaços em brancos, parágrafos de tamanhos diversificados, entre outras formas escritas, não há a possibilidade de se apresentar uma estética pós-moderna definitiva (FERNANDES, 2019).

No livro de contos *Buquê de Línguas* (2008) da autora Tereza Albues, notoriamente aparecem as características da escrita pós-moderna. A autora e narradora traz em seus quatorze contos estilo, técnica, estrutura e escrita inovadoras, textos com narrativas criativas. No decorrer das histórias encontramos várias expressões em inglês: “*Everything is under control [...] Let’s get out of here*” (ALBUES, 2008, p. 14 e 23); em italiano: “*io me ne vado*” [...] *Arrivederci bambini*” (ALBUES, 2008, p. 102); em francês: “*Je ne peux pas échapper à mon destin*” (ALBUES, 200, p. 118) e em outras línguas de diversos países como Cuba, Chile e México.

Outro aspecto marcante e interessante em seus contos é a estrutura da narrativa marcada em vários trechos com espaços em que se corta a narrativa e nota-se uma nova disposição das palavras, continuando a história que vinha sendo narrada. Rompe-se a estrutura linear para continuar de forma inusitada e dinâmica, como podemos observar nesses trechos abaixo selecionados:

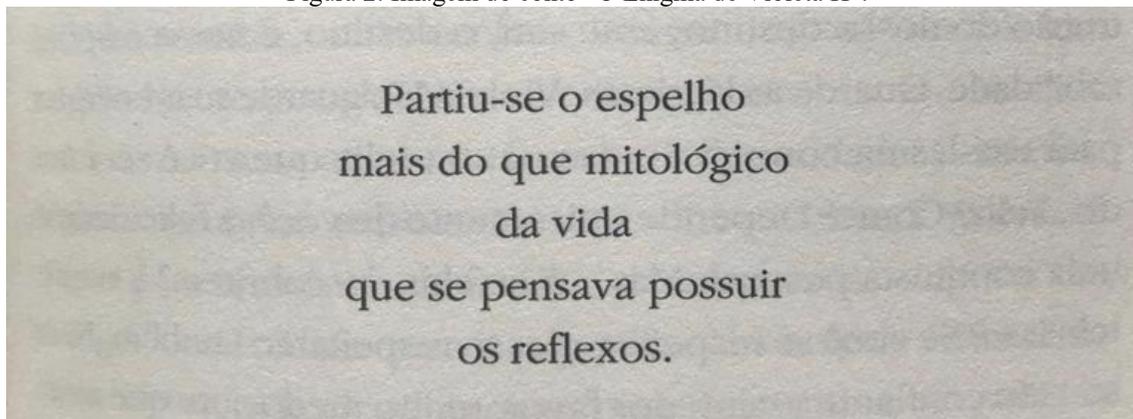
Figura 1: Imagem do conto “Buquê de Línguas”.



Fonte: ALBUES, Tereza. *Buquê de Línguas*, 2008, p. 15.

Na figura 1 observamos uma nova distribuição dos parágrafos, com espaços fora do padrão textual entre eles, indicando uma gradação decrescente em consonância com a escrita da palavra “escorrendo”, que foi dividida em todas as letras que a formam, gerando a sensação estética de movimento contínuo descendente tal como o verbo no gerúndio, que dá a ideia de continuidade.

Figura 2: Imagem do conto “O Enigma de Violeta H”.



Fonte: ALBUES, Tereza. *Buquê de Línguas*, 2008, p. 59.

Verificamos no parágrafo acima, na figura 2, que ele se espalha no formato vertical e a frase se desconstrói, escorregando e cortando-se em trechos, indicando “os estilhaços do espelho” que se divide. Em cada recorte tem-se uma informação: primeiro o romper-se do espelho; depois as questões mitológicas e em seguida a vida; após vêm os pensamentos e perspectivas do ser humano e conclui-se com os reflexos que remetem ao início do trecho em que se apresenta o espelho, este que tem como função refletir toda imagem a ele exposta. O recurso gráfico utilizado é colocar o parágrafo centralizado.

Os escritores compreendidos na pós-modernidade trazem uma temática bastante variada de textos e estruturas narrativas. Essas produções incluem os elementos construídos no decorrer da evolução do período pós-moderno como a tecnologia, o poder da mídia, a televisão, a cultura popular, o consumismo, o multiculturalismo, a religião, a morte, o poder do capital e muitos outros.

A escritora Tereza Albuês traz em suas narrativas temas que abarcam essas características, como podemos verificar no conto homônimo que dá título à obra “Buquê de Línguas”, quando uma explosão no metrô surpreende os passageiros colocando-os em uma situação forçada de convivência. A narradora passa a relatar os efeitos da explosão no pensamento e atitudes dos passageiros, ressaltando a multiculturalidade que se manifesta no trem por meio da expressão das diversas etnias:

A explosão sacudiu o mundo nosso, na linha D do metrô [...]. Enlatados no vagão, tornamo-nos prisioneiros circunstanciais da tecnologia, política, destino [...]. Por Alá! É o Irã personificado, olhos ferozes, aproximando-se, pronto a tomar satisfações do americano [...]. Um menino franzino veio lá dos fundos, segurou a mão da mulher, falou qualquer coisa em alemão [...]. Que controle?, berrou o iraniano (ALBUÊS, 2008, p. 13-4).

Neste trecho observamos a presença da tecnologia e da atualidade por meio do metrô e do multiculturalismo e religião pelas falas dos passageiros. Um coro de vozes desencontradas se depara em um único espaço, o metrô nova-iorquino, em meados do ano 2001. A globalização e a expansão urbana intensificaram os meios de contato entre as diferentes culturas, como constatado na interação entre os passageiros, promovendo, assim, a quebra das fronteiras, dos paradigmas e das diferenças.

No conto “Três Instantâneos na Cidade Maravilhosa”, encontramos um estilo mágico das cenas rápidas, como videoclipe. No espaço urbano se entrelaçam as imagens turísticas do Cristo Redentor e do Pão de Açúcar como descrito em “A cidade amanheceu nublada. Não se vê o Cristo Redentor e o Pão de Açúcar está coroado de nuvens espessas” (ALBUÊS, 2008, p. 25), bem como dos túneis e ônibus em movimento:

Janeiro, pleno verão, entro num ônibus com destino a Copacabana. O calor insuportável enerva. No Túnel Novo, movimento intenso, barulho ensurdecido [...]. A travessia do túnel parece não ter fim. Entra-se num tubo escuro, super-povoado, veículos e homens se digladiando por uma nesga de espaço, que não existe [...]. O ônibus conseguiu vencer as peripécias do pandemônio babilônico. Saiu suado e resfolegante, rangendo os pneus, livre da prova de fogo (ALBUÊS, 2008, p. 25-6).

A narradora em movimento, na velocidade em que a globalização, os avanços da tecnologia e o espaço urbano exigem. Do metrô ao ônibus carioca, o deslocamento, a pluralidade de vozes e de olhares é a temática da narrativa de Albuês, aspectos recorrentes da escritura dita pós-moderna.

A era da informação, da tecnologia, das imagens e do consumo trouxe, de certa forma, um estado de alienação em que as pessoas perdem o contato com o real provocando mudanças nas

relações sociais. A cultura pós-moderna é vista como a cultura de imagens, a televisão mudou a vida das pessoas. Elas não consomem apenas objetos, mas, sobretudo, imagens. As pessoas “vendem” a sua própria imagem como se fosse mercadoria e depois clamam por privacidade - as redes sociais que o digam. Com a internet acessível e disponível para todos, tudo acontece de um modo muito acelerado. As imagens são substituídas umas pelas outras de tal forma que logo possam ser esquecidas.

No mundo pós-moderno a questão de fronteiras também é atingida por essas mudanças aceleradas da tecnologia, pois não há de certa forma uma significativa distância entre essas barreiras e as culturas diferentes estão em contato, provocando uma ânsia de extinguir as barreiras, quebrar os paradigmas e diferenças. Benjamin Abdala Jr. destaca que não podemos mais pensar em fronteiras como aquelas estabelecidas por limites geográficos. Para o autor, estes limites:

[...] continuam importantes e constituem base sinérgica capaz de inverter ou de se contrapor aos fluxos avassaladores, mas não basta. Cada vez mais o mundo torna-se uma realidade de fronteiras múltiplas, internas e externas. São fronteiras que podem se abrir ou fechar, conforme a natureza da conexão desejada, caso tenhamos a base necessária para impor fluxos (ABDALA JR., 2002, p.125).

O encontro entre culturas diferentes traz consigo a mudança na identidade dos sujeitos que deixam de ser únicos e passam a ser fragmentados. O sujeito assume posições diferentes, como aponta Stuart Hall (2011, p. 13): “Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente”. O indivíduo encontra-se em constante deslocamento, se movimentando em diferentes direções e sendo atingido por uma pluralidade de princípios articuladores e organizadores.

Outra questão apresentada pelo pós-modernismo está relacionada à temática do cânone. Obras fora do que se considera clássico, que não eram antes estudadas na academia, passam a ter uma importância estética reconhecida, trazendo a possibilidade de estudos de novos textos. Com o pós-modernismo abriam-se possibilidades de novas vozes no campo artístico e grupos que tinham sido silenciados por muitos anos, como as mulheres, os negros, os gays, os indígenas etc., falam por si, não havendo a necessidade de outros falarem por eles.

Harvey (2004, p. 52) reflete sobre a importância da voz das minorias afirmando que “a ideia de que todos os grupos têm direito de falar por si mesmos, com sua própria voz, e de ter aceita essa voz como autêntica e legítima, é essencial para o pluralismo pós-moderno”.

Enfim, o cenário pós-moderno não se trata apenas de uma reação ao moderno, mas traz outras possibilidades sociais, políticas e artísticas que podem ser analisadas por novos contextos e ferramentas. Tem-se novas possibilidades de consciência em relação a outras culturas e de entendimento do diferente, do outro. O pós-moderno nos circunda e abre novos horizontes ao mesmo tempo.

CONTEXTOS DA IDENTIDADE

No tópico anterior foram realizadas algumas considerações sobre as discussões, de uma forma geral, de alguns elementos que envolvem a chamada pós-modernidade. Esse movimento descreve impactos significativos na expressão popular, na comunicação de massa, e nas manifestações

culturais em geral – remete a traços que vão desde a ênfase na heterogeneidade, na diferença, na fragmentação, na indeterminação, até chegar nas relações dos discursos universais e totalizantes.

Com o propósito de localizar e compreender a escrita da autora Tereza Albues pertencente a esse período, deparamo-nos com questões que se revelam no decorrer de suas narrativas. O elemento analisado neste tópico será a questão da identidade que evidencia o local, o regional.

As transformações advindas desde o final do século XX, que moldavam o indivíduo social nos cenários de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, passaram por mudanças e deixaram de ser fixas, fechadas. Essas alterações esbarram nas identidades pessoais e afetam o conceito que se tem de sujeitos completos e adaptados. As transições pelas quais o indivíduo é levado a encarar no caminho da pós-modernidade são designadas por Stuart Hall (2011) como deslocamento ou descentração do sujeito:

Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo [...]. Esses processos de mudança, tomados em conjunto, representam um processo de transformação tão fundamental e abrangente que somos compelidos a perguntar se não é a própria modernidade que está sendo transformada (p. 09 - 10).

Os grupos e indivíduos buscam se identificar, de modo particular, em espaços múltiplos, com outros círculos que os representem. Quando o autor Stuart Hall fala em crise de identidade, entende-se que esse reajuste é um efeito das sociedades contemporâneas. Essa alteração acontece com o advento da globalização, que envolve fatores econômicos e culturais, e que traz consigo as mudanças nos padrões de consumo que, por sua vez, produzem novas identidades.

Como exemplo das novas identidades, podemos citar os jovens que comem hambúrgueres McDonald's. Eles formam um grupo de consumidores globais que pode ser encontrado em qualquer lugar do mundo e que mal se reconhece entre si, nesse grupo de consumidores podemos ter adolescentes brasileiros, ingleses, chineses ou africanos, enfim. O avanço global do capitalismo caracteriza a convergência de culturas e estilos de vida nas sociedades ao redor do mundo. A uniformidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao surgimento de novas posições de identidade nacionais e locais. Segundo Woodward (2012, p. 22), “Essa dispersão das pessoas ao redor do globo produz identidades que são moldadas e localizadas em diferentes lugares e por diferentes lugares. Essas novas identidades podem ser desestabilizadas, mas também desestabilizadoras”, o que reflete a identidade em crise.

Diante desses apontamentos nota-se que a identidade está em constante mudança e ela se dá no resultado da interação entre os sujeitos. O sujeito tem a sua essência interior, que é o seu “eu real”. Porém, ao se comunicar e interagir com a sociedade, passa a sofrer modificações e ser formado em uma nova comunicação contínua com os mundos culturais exteriores e as identidades que lhe são apresentadas nesses contextos.

Estes aspectos aparecem na escrita da autora Tereza Albues, que nasceu no interior do Estado de Mato Grosso e quando adulta, se mudou para Nova York onde começou a escrever. Albues escreve todas as suas obras no exterior, porém as produções foram em português e impressas por editoras brasileiras. Essas peculiaridades deixam marcas em suas narrativas. A escritora não se esqueceu da terra natal e ter morado em um grande centro, onde há uma efervescência de culturas, pode ter auxiliado no processo de se valer do olhar do “outro”, do estrangeiro, para o interior do Brasil, onde

se pode notar também o deslocamento da autora, que aparece em suas obras por meio do “ir” e “vir”, transitando em vários espaços, diferentes momentos e recordações que ocupam a memória.

Esse processo de movimentação da autora por meio das personagens, dos contextos, dos lugares, dos espaços, remete ao nomadismo, já mencionado anteriormente. A dinâmica nômade, como um novo imaginário, representa um sentimento de “deslocamento” que não se reconhece no espaço onde vive e busca constantemente se resgatar na ancestralidade. O “ir” e “vir” pelo mecanismo das lembranças, são características que a posicionam mais próximo de sua origem histórica, como esclarece o sociólogo Michel Maffesoli (2001, p. 53) quando afirma que “um corpo social, qualquer que seja, guarda a memória de sua errância original”. Tereza Albues transita nos espaços em que se encontra física e psicologicamente no momento presente, mas não deixa no passado histórias e lugares. Ela traz para a escrita o passado e o presente, que se aglomeram formando um emaranhado de personagens e histórias.

Com o objetivo de entender a escrita de Albues, menciona-se a concepção do pesquisador e professor Dr. Mário Cezar Silva Leite (2008, p. 05) sobre o regionalismo e a identidade, onde ele afirma que “A questão das identidades engloba outras questões em determinados contextos. Entretanto, sempre está acompanhada das relações – em todas as instâncias – entre nacionalismo, regionalismo, globalização, política, poder e suas ramificações”. Entende-se que a identidade vem ligada às esferas maiores, que abrangem vários aspectos e áreas, e que também traz em si o regional. Um ponto importante a considerar é que:

o poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas do poder. A identidade e a diferença não são nunca inocentes. Podemos dizer que onde existe diferenciação – ou seja, identidade e diferença – aí está presente o poder. A diferença é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas. [...] A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam sempre as operações de incluir e de excluir” (SILVA, 2000. p. 81-82)

Os discursos que envolvem a identidade são declarações que incluem ou excluem movimentos sociais e culturais e isso se aplica ao espaço constituinte do ser. A globalização torna essas fronteiras permeáveis e transponíveis. Os textos produzidos em Mato Grosso são discursos que permitem discutir a abrangência dos limites pois vão além do local, do regional e ressignificam a posição das fronteiras. Segundo o autor Homi K. Bhabha (1998, p. 19) o “espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão”. Não existe mais a relação colonial, agora o sujeito aparece no momento de transição para contextualizar a identidade.

Observamos essas marcas na literatura produzida por Tereza Albues: elas indicam as influências do meio no qual a autora viveu e as transfere para suas narrativas. Essa característica confirma o fato de ela, enquanto escritora, se deslocar, uma vez que sua identidade também passou por mudanças e precisou se ajustar aos novos contextos. Ao escrever seus contos, Albues nos surpreende com personagens de diferentes povos, lugares e costumes, construindo um verdadeiro buquê multicultural, que tem marcas e características específicas do indivíduo e múltiplas do ser humano em geral, como podemos observar no trecho a seguir do primeiro conto intitulado “Buquê de Línguas”:

com certeza a minha pele morena, cabelos pretos e lisos, olhos enormes e redondos, boca sensual, brincos pingentes, saia comprida de algodão vermelho o fazem pensar que venho daquele país. [...] Um menino franzino veio lá dos fundos, segurou a mão da mulher, falou qualquer coisa em alemão, ela olhou para ele, levantou-se, pareceu envergonhada, ajeitou a roupa, a bolsa, recompôs-se. [...] O medo parecia tomar consistência, podíamos não só senti-lo como apalpá-lo. Nossos músculos e cérebros anestesiados cediam ao terror. Quase petrificados, começamos a olhar um para o outro como implorar por socorro. Como se o socorro pudesse vir daquele que também corria o mesmo perigo (ALBUES, 2008, p. 13 e seg).

Uma explosão no metrô surpreende os passageiros, colocando-os em uma situação de extrema fragilidade e de forçada convivência. Esse momento torna-os unidos ao mesmo tempo em que suas diferenças étnicas e culturais e seus medos e traumas se manifestem. Por meio da explosão pode-se observar nos comportamentos dos passageiros a multiculturalidade que surge revelando diversas etnias. Americano, alemão, iraniano, romeno, francês, russo, chinês formam um coral de vozes desconstruídas que se deparam em um único espaço: o ambiente do metrô nova-iorquino.

Sobre as concepções que envolvem o espaço em que o indivíduo está e transita, o autor Hall (2011) declara que:

a identidade é formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o ‘eu real’, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem. [...] a identidade preenche o espaço entre o ‘interior’ e o ‘exterior’ – entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a ‘nós próprios’ nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os ‘parte de nós’, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural (p. 11-12).

Por meio dessa citação podemos entender a questão da identidade que se forma e modifica na relação entre o eu e a coletividade. No episódio da explosão no metrô, mencionado anteriormente, as personagens passam por esse momento de interação e de contato com outras culturas, que os faz adquirir novos significados e valores, transformando suas formas de pensar e agir. Sendo assim, pode-se enxergar a identidade não como algo fixo, único, mas com suas quebras que alteram o eu interior e exterior do indivíduo.

No conto “Cena em Sustenido” a expansão urbana e, conseqüentemente, a multiplicidade cultural, revelam o contraste entre as culturas marcando os conflitos internos do indivíduo que se vê frente a cenas que não fazem parte da sua cultura e do seu eu interior. Na narrativa um muçulmano fica surpreso ao ver uma jovem mãe mostrar o seio ao amamentar seu filho: “o ato, se deu, na tarde, para quem tinha olhos de ver e perceber o close do instante fugidio. Aconteceu. No banco, em frente à jovem mãe desinibida, está um muçulmano. Estatelado. Não conseguiu mover nem as sobrancelhas” (ALBUES, 2008, p. 66). Observa-se que a personagem tem um choque ao ver a cena; para ele não é comum esse tipo de comportamento, segundo a sua religião e a sua cultura.

Mais adiante a narrativa revela o quanto esse acontecimento mexeu interiormente com ele,

O muçulmano salta na primeira estação. Na Rua 42 – Times Square. Sem saber se delirou ou se viu um seio branco, pele acetinada, uma boquinha vermelha, dando dentadas; um querubim sacana, olhando às avessas, para a multidão devassa. Alá, meu Divino Alá, mostre-me o caminho reto, por onde chegarei a Ti, sem o perigo

das alucinações [...]. Alá, meu Divino Alá, onde estás que não amparas vosso humilde súdito? (ALBUES, 2008, p. 68).

O muçulmano não consegue lidar com a diferença, com o que é normal em outras culturas. Ele repudia a cena e o tempo todo implora pelo olhar do seu deus Alá como socorro para o que vê e sente. Para Stuart Hall (2011) o indivíduo procura o fechamento dessa identidade, mas fica o tempo todo incomodado com a diferença, com o outro. O significado das coisas e das situações “está constantemente escapulindo [...]. Existem sempre significados suplementares sobre os quais não temos qualquer controle, que surgirão e subverterão nossas tentativas para criar mundos fixos e estáveis” (p. 41-42).

As pessoas têm crenças e valores que são estabelecidos e imutáveis mesmo diante do que é cotidiano e natural e não conseguem quebrar essas barreiras, como aconteceu com a personagem que vai para casa, “Segue direto à penumbra da biblioteca, retira da estante de mogno o gasto Alcorão esverdeado. E se retira do mundo” (ALBUES, 2008, p. 69), fechando-se ao que é diferente e inaceitável para ele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os recortes das narrativas selecionadas para este estudo juntamente com as abordagens teóricas elegidas, verificamos que as marcas da pós-modernidade e as questões que envolvem a identidade estão presentes na escrita na autora Tereza Albues. Observamos que os elementos da contemporaneidade, como a tecnologia, a globalização, os meios de transporte rápidos (o metrô aparece em vários contos como espaço principal de episódios), a liberdade de expressão, a pluralidade de estilos, são elementos recorrentes nos cenários e nas relações apresentadas nos contos. Além do conjunto de características que envolve espaço e personagens, a escrita da autora Albues revela o pós-moderno por meio da estrutura narrativa, da técnica, do estilo; rompe a escrita linear para mostrar a disposição dos parágrafos e das palavras de forma inusitada com espaços, hifens, idiomas e formatos distintos.

Nas narrativas em destaque fica evidente o choque pelo qual o indivíduo social passa com as transformações advindas pela contemporaneidade, mudanças que atuam na identidade rompendo com o que é determinado e concreto. Essas alterações defrontam as identidades pessoais e corrompem o conceito que se tem de sujeitos completos e adaptados. Desta forma o indivíduo sofreu o processo de deslocamento e descentração que afeta tanto seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmo, o que resultou na crise de identidade (HALL, 2011).

Diante das abordagens expostas, quando aludimos à crise de identidade, entendemos que esse processo é um efeito das sociedades contemporâneas. Os grupos e indivíduos ao se comunicarem e interagirem com a sociedade, passam a sofrer modificações e são formados em uma nova comunicação contínua com os mundos culturais exteriores e as identidades que lhe são apresentadas nesses contextos.

Nos contos “Buquê de Línguas”, “Três Instantâneos na Cidade Maravilhosa”, “O Enigma de Violeta H.” e “Cena em Sustenido”, as modificações promovidas pela identidade em deslocamento são verificadas nos espaços e contextos de interação das personagens em situações cotidianas e inesperadas que revelam valores e crenças dos sujeitos e nas expressões e manifestações que expõem traumas e fragilidades. À vista disso, entendemos que é no meio social em que o indivíduo se comunica e realiza trocas de experiências e ideologias que acontece as modificações na identidade, tornando-a múltipla e constantemente em transição.

REFERÊNCIAS

- ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Fronteiras múltiplas, identidades plurais**: um ensaio sobre mestiçagem e hibridismo cultural. São Paulo: Senac, 2002.
- ALBUES, Tereza. **Buquê de Línguas**. Cuiabá, MT: Carlini & Caniato, 2008.
- ANDERSON, Perry. **As origens da pós-modernidade**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço L. Reis, Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário de escritoras brasileiras**: (1711-2001). São Paulo: Escrituras Editora, 2002.
- EAGLETON, T. **As ilusões do pós-modernismo**. Trad. Elisabeth Barbosa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- FERNANDES, Gisèle Manganelli. O pós-modernismo. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). **Teoria Literária**. Abordagens históricas e tendências contemporâneas. 4 ed. Maringá: EDUEM, 2019.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- HARVEY, D. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Trad. Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2004.
- HUTCHEON, L. **Poética do pós-modernismo**: história, teoria, ficção. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- JAMESON, F. **Pós-modernismo**: a lógica cultural do capitalismo tardio. Trad. Maria Elisa Cevasco. São Paulo: Ática, 2000.
- LEITE, Mário Cezar Silva. Literatura, Vanguardas e Regionalismos: poéticas em transito e fronteiras. **XI Congresso Internacional da ABRALIC**: Tessituras, Interações, Convergências. USP – São Paulo. 2008. Disponível em:
<http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/019/MARIO_LEITE.pdf
>. Acesso em: 20 jun. 2019.
- SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**: A perspectiva dos Estudos Culturais. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.